



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CAMPUS CERRO LARGO**  
**CURSO DE: LICENCIATURA EM LETRAS: PORTUGUÊS – ESPANHOL**

**CINTIA DUARTE MACHADO**

**A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE ABORDADA EM DOIS CONTOS DE  
CLARICE LISPECTOR**

**CERRO LARGO**  
**2021**

**CINTIA DUARTE MACHADO**

**A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE ABORDADA EM DOIS CONTOS DE  
CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de conclusão do curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção do grau de  
Licenciatura em Letras da Universidade Federal da  
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Lemos Berned

**CERRO LARGO**

**2021**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Machado, Cintia Duarte  
A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE EM DOIS CONTOS DE CLARICE  
LISPECTOR / Cintia Duarte Machado. -- 2021.  
29 f.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Lemos Berned

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro  
Largo, RS, 2021.

1. Literatura Brasileira. 2. Personagens idosas. 3. O  
grande passeio. 4. Feliz aniversário. I. Berned, Pablo  
Lemos, orient. II. Universidade Federal da Fronteira  
Sul.. I. , Pablo Lemos Berned, orient. II. Universidade  
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

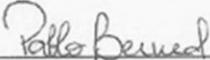
CINTIA DUARTE MACHADO

**A REPRESENTAÇÃO DA VELHICE ABORDADA EM DOIS CONTOS DE CLARICE  
LISPECTOR**

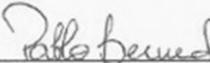
Trabalho de conclusão do curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção do grau de  
Licenciatura em Letras da Universidade Federal da  
Fronteira Sul.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 26/11/2021.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Pablo Lemos Berned – UFFS

  
\_\_\_\_\_  
r/ Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro - UFFS  
Avaliador

  
\_\_\_\_\_  
p/ Prof. Dr. Demétrio Alves Paz - UFFS  
Avaliador

## RESUMO

Clarice Lispector é um dos maiores nomes da literatura brasileira do século XX, e faz parte da 3ª fase do modernismo. Em suas obras encontra-se temas que envolvem a vida cotidiana, características psicológicas de seus personagens, escritos de uma forma subjetiva e particular. Rompendo barreiras, a autora expõe conflitos pessoais, desestruturando padrões e visões estáveis, para o ato de refletir, questionar-se, e não oprimir os próprios sentimentos. Com escrita singular, suas obras permanecem até os dias de hoje com grande importância e influência, pois leva-se em consideração que os assuntos tratados em seus livros são temas que ainda associam-se à sociedade e geram reflexões. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo a análise comparativa de dois contos: *O Grande Passeio*, referente ao livro **Felicidade Clandestina** (1971), e *Feliz Aniversário*, na obra **Laços de Família** (1960), ao retratarem características de duas personagens idosas de sexo feminino. Proporcionaram fundamentos da análise estrutural das narrativas para a realização desta pesquisa os trabalhos de Todorov (2008), Barthes (2008) e Culler (1999). Assim como, para embasamento teórico sobre questões direcionadas a velhice, recorreremos às reflexões propostas por Simone Beauvoir (2018), Ecléa Bosi (1979) e Norbert Elias (2001). Foi possível perceber relacionando os dois contos, que aparentemente se tem duas personagens distintas, porém ambas histórias ocupam cenários semelhantes quando compara-se o sentimento das protagonistas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Personagens idosas. O grande passeio. Feliz aniversário.

## RESUMEN

Clarice Lispector es un de los grandes nombres de la literatura brasileña del siglo XX y forma parte de la 3ª fase del modernismo. En sus obras hay temas que involucran la vida cotidiana, rasgos psicológicos de los personajes, escritos de manera subjetiva y particular. Rompiendo patrones y visiones estables, la autora expone conflictos personales, al proponer el acto de reflexionar, cuestionar y no oprimir los sentimientos. Con una escrita particular, sus obras permanecen hasta el día de hoy con gran importancia e influencia, ya que se tiene en cuenta que los temas tratados en los libros están presentes en la sociedad y generan reflexiones. Así, este trabajo tiene como objetivo el análisis comparativo de dos cuentos: *O Grande Passeio*, del libro *Felicidade Clandestina* (1971), y *Feliz Aniversário*, en la obra *Laços de Família* (1960), al retratar los rasgos de dos personajes ancias femeninas. Los trabajos de Todorov (2008), Barthes (2008) y Culler (1999) proporcionaron las bases para el análisis estructural de las narrativas de esta investigación. Además, como base teórica sobre temas relacionados con la vejez, se recurrió a las reflexiones propuestas por Simone Beauvoir (2018), Ecléa Bosi (1979) y Norbert Elias (2001). Se percibe en los cuentos, que aparentemente hay dos personajes diferentes, pero ambas historias ocupan escenarios similares al comparar los sentimientos de las protagonistas.

Palabras clave: Literatura brasileña. Personajes ancias. *O Grande Passeio*, *Feliz Aniversário*.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
1 DESCRIÇÕES E SENSações DA VELHICE.....	11
2 RECORTE DE MEMÓRIAS .....	16
3 O EXISTIR INDIFERENTE .....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	27
5 REFERÊNCIAS .....	29

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Jonathan Culler (1999) destaca que as narrativas fornecem uma modalidade de crítica social, expondo a difícil situação dos oprimidos, em histórias que convidam os leitores, através da identificação, a verem certas situações como intoleráveis. Nesse sentido, a obra da escritora Clarice Lispector (1920-1977) desenvolve em suas obras situações rotineiras, questões sociais, como também características psicológicas dos indivíduos representados por meio de seus personagens. Isso ocorre particularmente na busca por um reconhecimento e despertar do eu, também coletivamente em questões familiares, ao expor pensamentos, sentimentos que possibilitam essa relação emotiva e reflexiva com o leitor.

Neste trabalho consideramos a comparação entre dois contos de Clarice Lispector, que se aproximam ao retratarem a vida de personagens idosas do sexo feminino enfrentando conflitos. De um lado temos a personagem D. Anita, do conto *Feliz Aniversário* publicado em 1960, guardando ressentimentos e mágoas justificadas por perdas em sua vida. O conto gira em torno de uma família de classe social elevada, em que os filhos da protagonista costumam aparecer somente em seu aniversário.

Por outro lado, no conto *O Grande Passeio*, publicado em 1971, temos a personagem Margarida, conhecida como Mocinha, sem marido ou filhos vivos, vivendo de favor de um lado para outro, distante de sua terra. Ao longo do conto ela não parece ter consciência de si, nem de que está sozinha no mundo, encontrando-se em precária situação de vida, apegada em suas memórias, desejos e sonhos.

Aparentemente são duas personagens distintas, porém protagonizam histórias que as colocam em situações semelhantes, diante dessa perspectiva, o ponto que chama atenção são as relações sociais fragilizadas nessa faixa etária, pois se considera o vínculo familiar de extrema importância para que não haja sensação de desacolhimento. Considerando o aspecto individualista no qual muitas vezes se baseia a sociedade em que vivemos, frequentemente o idoso acaba sendo deixado de lado, como se não pertencesse mais a lugar algum. Resta a seguinte reflexão: e se fossemos nós ao vivenciar a mesma

situação das personagens? Afinal, a velhice acomete a todos com suas sensações.

Dessa maneira, no primeiro capítulo sobre as descrições da velhice, comparou-se as expressões e sentimentos das personagens, a fim de mostrar alguns aspectos em comum. O segundo discorre sobre as memórias ao identificar os momentos nostálgicos que revelam características pessoais em meio às lembranças das protagonistas. O terceiro refere-se aos laços familiares fragilizados e à morte, o que constata a solidão, o não acolhimento familiar, bem como a sensação de invisibilidade e angústia decorrente do luto. Este processo considerou aspectos do modelo de análise estrutural da narrativa, a partir dos estudos de Todorov (2008), Culler (1999) e Barthes (2008), que contribuíram com a metodologia para separar trechos e chegar às possíveis interpretações geradas na totalidade.

Para desenvolver esta análise, foram destacados nos contos selecionados aspectos relacionados à velhice, ao observar falas, pensamentos, características e situações que as personagens vivenciam. A análise foi feita através dos níveis de narração, que segundo Todorov (2008) é o nível do “discurso”, mas também aparentemente o nível das “ações”, o sentido que as palavras têm.

Barthes (2008) ressalta que a linguagem está relacionada com a literatura, tendo em vista que a narrativa seria uma língua fortemente sintética, fundada essencialmente sobre uma sintaxe de encaixamento e de desenvolvimento: cada ponto da narrativa irradia em muitas direções ao mesmo tempo. Para encontrar uma significação final, a unidade é “tomada” por toda narrativa, em separação dos segmentos. Dessa maneira, identifica-se fatores linguísticos, ao separar adjetivos, verbos e metáforas a fim de chegar em possíveis interpretações.

Para constituir o embasamento teórico, além das consultas, voltadas à análise de textos, recorreu-se às contribuições de Simone Beauvoir (2018), autora que levanta questões sobre dificuldades dos idosos, retrata uma realidade cruel, mas carregada de sensibilidade ao falar das sensações do corpo na velhice. Ecléa Bosi (1979) caracteriza os idosos com afeto, compreendendo-os como ativos participantes na vida, contribuindo significativamente perante a sociedade, é perceptível um olhar poético e particular sobre as memórias na velhice. Norbert Elias (2001) aborda assuntos que se referem à morte, não

apenas na perspectiva do protagonista desse acontecimento, mas também considera os coadjuvantes que por enquanto apenas observam e demonstram suas reações diante dessa realidade.

## 1 DESCRIÇÕES E SENSações DA VELHICE

As personagens dos contos *O Grande Passeio* e *Feliz Aniversário* são mulheres e o termo atribuído às duas é “velha”. Para algumas pessoas existe dificuldade em identificar-se com estes termos “velho” e “idoso”, em vista de que a velhice se refere a um grupo de pessoas que podem socialmente não participar mais de algumas atividades sociais, o que provoca recorrentes exclusões no ambiente familiar e em sociedade. Nesta faixa etária requerem de uma demanda maior de tempo por não conseguirem cuidar de si sozinhas e acabam muitas vezes necessitando de outros para auxiliá-las.

No conto *O Grande Passeio* existe uma contraposição ao apelidar a protagonista como Mocinha, opondo-se à realidade, já em *Feliz Aniversário*, mantém-se formalidade ao antepor Dona para referir-se a Anita, o que orienta uma noção de respeito. Um dos motivos que distingue esta forma de tratamento entre as duas são as condições sociais. A primeira aparentemente mais simples, vive de caridade, e a segunda apresenta uma situação financeira mais estabilizada. Essa conclusão é possível, pois percebe-se em nossa sociedade uma distinção na forma de tratamento ocasionada pela classe social das pessoas.

A história abordada nos dois contos é narrada em 3º pessoa, o narrador é onisciente, às vezes parece conhecer as emoções e pensamentos das personagens, em alguns trechos não torna-se explícito se é o pensamento da personagem ou, o narrador descrevendo a situação. Evidencia-se a intromissão que indiretamente faz questionar se é o pensamento das personagens ou a voz do narrador participando da história.

Algumas descrições referentes às características de D. Anita, no conto *Feliz Aniversário*, feitas através do narrador são que “tratava-se de uma velha grande, magra, impotente e morena. Parecia oca.” (LISPECTOR, 2016, p. 56). Neste caso, existe uma contraposição no adjetivo “grande”, já que também era descrita como “impotente”. Mesmo com suas debilitações havia o aspecto grande que sugere força, e essa força é perceptível quando expressa suas reações. Enquanto não interpretadas suas feições aparenta ser inerte às situações que a cercam, considerada impotente.

As descrições sobre a personagem Margarida, conhecida como Mocinha no conto *O Grande Passeio* “era de um corpo pequeno, escuro, embora tivesse sido alta e clara.” (LISPECTOR, 2016, p. 316). É notória a mudança dos aspectos do corpo, com a finalidade algo não bem visto. Antes era clara como se tivesse mais vida, porém com a passagem do tempo e traços do envelhecimento o corpo aparenta perder essa luz que simboliza a juventude.

Um fator evidente é que o tempo passa para todos, assim, trazendo estas mudanças visíveis a longo prazo. Corpo, traços, expressões e sensações modificam-se com o passar dos anos, algo que inevitavelmente acontece. As mudanças vão sendo vivenciadas aos poucos, ainda que a mente talvez não tenha se adiantado para aceitar esse processo. Os sinais passam a ser comentários feitos por outros, e a própria imagem refletida no espelho serve como alerta destas modificações:

Quando adultos, não pensamos na idade: parece-nos que essa noção não se aplica a nós. Ela supõe que nos voltemos para o passado, e que interrompamos as contas, enquanto impelidos para o futuro, deslizamos insensivelmente de um dia ao outro, de um ano ao outro. A velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma? (BEAUVOIR, 2018, p. 297).

A pessoa idosa pode não ter tanta percepção desse processo de envelhecimento, e as mudanças são observadas por quem está próximo. Isto é apresentado durante a narrativa quando um dos personagens masculinos presente no conto olha para sua mulher e Mocinha, vagamente sentindo o cômico do contraste: “ A esposa esticada e vermelha e mais adiante a velha murcha e escura, com uma sucessão de peles secas penduradas nos ombros.” (LISPECTOR, 2016, p. 323). Por se tratar de um processo que ocorre ao corpo gradualmente, surgem possíveis comparações do que foi e o que se tornará.

Beauvoir (2018) destaca que nem na literatura, nem na vida, encontrou qualquer mulher que considerasse sua velhice com complacência. Do mesmo modo, nunca se fala em “ bela velha”; no máximo se dirá uma “encantadora anciã”. Por conseguinte, é possível perceber como a imagem na velhice é distorcida para algo não desejável e até mesmo desagradável, diante de que muitos tentam esconder as marcas do tempo.

Percebe-se uma difícil aceitação ao envelhecer, pois há busca constante por rejuvenescer, não danificar, nem desconfigurar a aparência, muito menos adquirir algumas das deficiências físicas que conseqüentemente a passagem dos anos traz. Por conta disso, atualmente a procura por procedimentos estéticos que causem a desaceleração ou diminuição dos sinais do envelhecimento, das marcas do tempo.

Com a chegada da velhice, alguns hábitos modicam-se, levando em consideração que o olhar da sociedade mais jovem para a pessoa idosa é padronizado, vetando com julgamentos qualquer manifestação diferenciada do que se supõe que a pessoa com mais idade deve ter em seus comportamentos e vestimentas.

Mocinha possui maior autonomia para vestir-se e tem sua roupa como documento próprio. O vestido preto que acompanhava a longos anos é um fator de reconhecimento de sua identidade enlutada. Em comparação, D. Anita, não tem escolha, necessita de ajuda para vestir-se. No decorrer da narrativa, a presilha em torno do pescoço colocada pela filha identifica o sentimento de impotência, como o seguinte trecho demonstra: “[...] como se a presilha a sufocasse, ela a mãe de todos, e impotente à cadeira, desprezava-os, e refletia em como deu à luz aqueles seres opacos.” (LISPECTOR, 2016, p.185). Essa situação era incômoda pois ressaltava a dependência da protagonista por conta de suas limitações.

A personagem Mocinha aparenta uma maior liberdade, visto que os familiares da casa onde residia achavam graça que a senhora que vivia de caridade, andasse a passear. Enquanto isso, no conto *Feliz Aniversário*, D. Anita estava em casa, imóvel, colocando-se consciente de que mesmo com a festa, havia o sentimento de solidão. Sua posição era à cabeceira da mesa grande, lugar onde conseguia perceber tudo à sua volta, em interruptas horas sozinha até que os familiares chegassem para a comemoração.

Quanto à fisionomia das protagonistas, Mocinha é descrita com “olhos lacrimejantes” (LISPECTOR, 2016, pp. 316, 320), o que talvez fosse um semblante modificado em decorrência da sua situação de vida, leva-se em consideração que ela sempre estava sorrindo, não por alegria, mas por seus longos anos de boa educação. Em comparação, quanto a D. Anita, “[...] os músculos da aniversariante idosa não interpretavam mais, de modo que ninguém

podia saber se ela estava alegre” (LISPECTOR, 2016, p. 181). A mudança de fisionomia dá a entender que não havia como interpretar mais o que as personagens sentiam pelas conseqüentes mudanças físicas.

Envelhecer traz algumas incertezas e impotências, até mesmo pode haver uma anulação de decisões por si só, o que se percebe nas descrições de sentimentos das personagens, direcionadas às manifestações das sensações que sucedem ao físico. As mudanças corporais e a falta de agilidade em se locomover com maior precisão são alguns dos fatores que o envelhecer desperta.

Tanto os homens como mulheres se surpreendem quando as personagens idosas mostram alguma espécie de força. Isso é visto quando Mocinha, com os passos rápidos se locomove até o carro, e o rapaz da casa brinca: “ tem mais saúde que eu!” (LISPECTOR, 2016, p. 319). Também expressam o sentimento de pena, quando uma das moças inclui: “ E eu que até tinha pena dela” (LISPECTOR, 2016, p. 319). Existe uma sensação de incômodo e desconsideração para com a personagem, que quando o corpo demonstra agilidade não correspondente com o envelhecer, surpreende aos familiares.

D. Anita, no conto *Feliz Aniversário*, mostra sua impaciência ao dar a primeira talhada no bolo com força, isso causa surpresa em sua nora e filha, pois a atitude parte de uma senhora idosa que não demonstra muitas reações. À medida em que não há manifestações da personagem, para a família era “ [...] como se estivessem junto de uma surda, continuavam a fazer a festa sozinhos” (LISPECTOR, 2016, p.182). Porém, quando demonstra alguma expressão, é observada com olhos de surpresa.

Em determinado momento, as personagens conseguem reagir e despertar perante a situação em que se encontram. Mocinha começa finalmente a não entender e questionar “ [...] o que fazia ela no carro? Como conheceu seu marido e onde? Como é que a mãe de Maria Rosa e Rafael, a própria mãe deles, estava no automóvel com aquela gente?” (LISPECTOR, 2016, p. 320). Como se em um súbito momento entendesse que aquela não era uma decisão dela, mas da família que a abrigava e já não queria sua presença.

Comparado ao conto *Feliz Aniversário*, D. Anita também questiona, ainda que de forma diferente, pergunta-se: “ [...] como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio”

(LISPECTOR, 2016, p. 185). Esse sentimento representa a apatia que sentia pela situação, e como manifestação de seu rancor, o ato de cuspir no chão demonstra sua revolta. Ainda que fosse considerado repugnante pela família, é como se desse um basta para o cenário de aparências, visto que todos só se reuniam uma vez ao ano e no restante do tempo nem mesmo mantinham contato.

Em *O grande Passeio*, no vestido de Mocinha, encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia do berço. “ [...] Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia”. (LISPECTOR, 2016, p. 316). Neste caso, o cuspe e restos de comida na roupa carregam a mesma sensação de repulsa, embora o ato de cuspir seja significado da revolta de D. Anita, totalmente voluntário e expressivo quanto à sua desaprovação. Já os restos de comida impregnados no vestido identificam as necessidades que Mocinha enfrentava.

Portanto, ambas as ações remetem ao mesmo sentimento, porém a repulsa atribuída à Mocinha está associada a um sentimento de pena, pois a situação de seu vestido é totalmente involuntária e ressalta a condição precária de vida da protagonista. Enquanto isso, D. Anita age de propósito, o que provoca uma visão de infantilidade por parte de seus familiares, pois para eles a personagem não tinha motivo, nem capacidade de demonstrar descontentamento. Somente a sua atitude era considerada e não o seu real objetivo.

As mudanças do corpo em decorrência da velhice são esperadas, no entanto, parece ser criado um mecanismo de defesa para se opor às marcas do tempo, relutando contra o próprio envelhecimento em uma sociedade que se guia por valores relacionados à juventude. A pessoa idosa não se encaixa nesses padrões estipulados, sendo assim, neste não encaixe, presencia-se o sentimento de angústia no decorrer das histórias.

Dessa maneira, o que é possível destacar sobre as descrições das sensações das personagens idosas nos contos são algumas debilidades que ambas apresentam diante de suas vivências, assim como descritas com certa impotência. Ao observar o uso das palavras “ opaco” e “ oco” para defini-las, é sugerida a ideia do sentimento de vazio, de não ter mais seu espaço. É como se não pertencessem ao local onde estão inseridas.

## 2 RECORTE DE MEMÓRIAS

Para dar início a esse capítulo sobre as memórias das personagens sobreponho um pensamento de Bergson (*apud* BOSI, 1979, p. 6) que faz a seguinte indagação pela autoanálise voltada para a experiência da percepção: “ - O que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco as do passado?” Claramente, no decorrer dos contos *O Grande Passeio* e *Feliz Aniversário*, percebe-se que as personagens são vistas como impotentes, seres inertes e sem expressões. Ao surgimento das lembranças, ressignificam-se as experiências e histórias das protagonistas, pois algumas dessas memórias possibilitam saber de onde vieram, suas características e marcas pessoais.

Ecléa Bosi (1979) apresenta a etimologia do verbo “ lembrar-se”, em francês “*se souvenir*”, que significa um movimento de “ vir” “ de baixo”: “*sous-venir*”, vir à tona o que estava submerso. Este afloramento do passado combina-se com o processo corporal e presente da percepção: aos dados imediatos e presentes da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros “ signos” destinados a evocar antigas imagens. Sendo assim, a memória é uma reapresentação de quem fomos e somos relacionando corpo presente com o passado.

Enquanto isso, o verbo “recordar” tem sua etimologia derivada do latim: é a junção do prefixo “re”, com o significado “repetir” e “cordis”, que corresponde a “coração”. Assim, recordar “*re-cordis*”, tem o sentido de fazer passar novamente pelo coração. Essa definição, carrega uma simbologia, sendo que este órgão é considerado de maneira literária aquele que abrange as emoções, por isso as memórias são causadoras de diferentes sentimentos.

Essas percepções condizentes das memórias são vistas ao fim do conto *O Grande Passeio*, quando Mocinha, como se não pudesse definir mais a si própria do mesmo jeito que em sua juventude, lembra de quando ela era ainda uma mulher, “ [...] viu a si própria com blusas claras e cabelos compridos. “(LISPECTOR, 2016, p. 324). Em sua velhice não enxergava-se mais com esse aspecto vivo e claro, afinal, seu corpo tornou-se escuro, assim como sua vestimenta.

As lembranças fazem parte da bagagem de experiências que normalmente as pessoas idosas estão sucessíveis a carregar, para compartilhar suas histórias de vida. Algumas memórias podem se tornar enferrujadas ou acabar perdidas por consequência da passagem do tempo. Em uma narrativa memorialista o que ocorre são essas nuances condizentes com as recordações das personagens idosas, possibilitando conhecer os aspectos de sua vida.

Se antes, nos anos de juventude, os idosos eram membros ativos da sociedade, hoje a nova função social se dá ao cultivo destas memórias, ou seja, contar para os jovens a sua história, de onde vieram, o que aprenderam e fizeram. Dos mais jovens espera-se a produtividade, enquanto as lembranças ficam a cargo das pessoas idosas, em relação às experiências que tiveram e às funções que exerceram durante sua jornada.

Nas sociedades primitivas, os velhos eram vistos com olhar de veneração, os jovens recorriam a eles em busca de seus conselhos, eram respeitados, e quem atingia essa etapa da vida era destacado como sábio. No entanto, ao pensar na atualidade, a pessoa idosa é isolada devido à condição em carecer de maior atenção e necessitar de cuidados. Assim, sente que não é mais encaixado nos grupos sociais que antes pertencia, como por exemplo, no seu emprego já não consegue exercer as atividades com a mesma agilidade, modifica-se a área de lazer, o que alguns anos atrás era parte de suas funções, com a chegada da velhice pode desestabilizar.

Bosi (1979) lembra que os velhos têm uma memória social atual mais contextualizada e definida, pois são espectadores de um quadro já finalizado e bem delineado no tempo. Aos mais jovens, ainda absorvidos nas lutas e contradições de um presente que os solicita intensamente, falta experiência para lidar com as lembranças.

Ainda conforme Bosi (1979), o passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíram autênticas ressurreições do passado

Essa memória-hábito pode se relacionar com o aspecto que diz respeito ao sorriso de Mocinha ser sempre constante, pois ela não esquece dos seus longos anos de boa educação. Já as lembranças independentes, reconstituindo o passado, trazem fatos ao presente, quando as personagens visualizam recordações.

No conto *O Grande Passeio*, Mocinha retorna às situações que viveu anteriormente. As memórias surgem por conta da excitação do passeio prometido e a suposta mudança de vida, o que de repente aclarava-lhe algumas ideias, mesmo que um tanto confusas, aos poucos passam a fazer sentido e identificar sua história de vida, quando lembra de coisas que antes juraria nunca terem existido, conforme o fragmento mostra:

A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão [...] Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritaria com Maria Rosa [...]. E lembrou-se do marido” (LISPECTOR, 2016, p. 318).

Para a protagonista “ [...] as lembranças quase lhe arrancavam uma exclamação”. (LISPECTOR, 2016, p. 320). Essa quase exclamação surge em decorrência de que suas lembranças identificam as marcas que compõe sua história. Como por exemplo, mostra que seu marido teria falecido após os filhos, pois ao pensar nele, questiona-se inclusive sobre a roupa que usara no enterro. É perceptível essa afirmação no seguinte trecho:

Só relembrava o marido em mangas de camisa. Mas não era possível, estava certa de que ele ia à repartição com uniforme [...] sem falar que não poderia ter ido ao enterro do filho e da filha em mangas de camisa. (LISPECTOR, 2016, p. 318)

Além de estar sozinha em sua velhice, ao lembrar de sua família, demonstra não sentir a necessidade da presença deles. Na rua, ela pensa nos filhos e no marido. “Não sentia a menor saudade. Mas lembrava-se.” (LISPECTOR, 2016, p. 323), como a D. Anita, que também sente indiferença por parte dos familiares, pelo motivo de reunirem-se somente em seu aniversário, e despreza a situação. A personagem também recorda de seu marido falecido, “ [...] ela, a forte que casara com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara”. (LISPECTOR, 2016, p. 185). Seu marido é

lembrado com apreciação, porém ressurgem o fato de que era mãe daqueles seres com comportamentos desprezíveis.

Segundo Bosi (1979), quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis. Ou seja, a memória que se manifesta em um corpo que se curva devido à velhice. Dentre esses fatores correspondentes, percebe-se no conto *O Grande Passeio*, que a personagem carrega estas distinções, como as mãos trêmulas que seguravam o pente e o coração acelerado, que de maneira geral são marcas do envelhecimento da personagem enquanto permanece recordando seu passado.

É inevitável que no corpo se estabeleçam as marcas ocasionadas com a passagem do tempo, e essas marcas podem ser relacionadas às lembranças, a partir de um olhar, o som da voz, o jeito de se vestir, e os bons modos. As recordações são significações internas guardadas, identificadas e expressas em algum determinado momento de forma singular. A bagagem de experiências é distinta, por esta razão fazem parte da existência e acompanha cada indivíduo.

As lembranças faziam com que Mocinha acordasse por instantes para a realidade em que estava e retornasse para seu passado, reconhecendo sua história. A protagonista não tinha noção nem de qual dia se tratava ao questionar-se: " [...] domingo? Que fazia, ela naquela casa em véspera de domingo? Nunca saberia dizer. Ela que já foi mãe, esposa, e agora estava sempre vagando de um lugar a outro" (LISPECTOR, 2016, p. 322). Suas memórias alimentavam a certeza, assim reconhecia quem foi, e quem é hoje.

Por sua vez, D. Anita não expressa emoções, apenas lembra de seu marido, mas aparentemente não de seu filho Jonga, mesmo que a situação seja propícia para a recordação vir à tona, quando seu outro filho José pronuncia o discurso de aniversário que costumava ecoar na voz do agora falecido. Nem mesmo um leve resquício de lembrança de Jonga parece rodear a senhora, é como se essa parte de sua vida estivesse sendo evitada. O filho ao fazer o discurso recorda:

[...] – como Jonga fazia falta nessas horas! Também foi o único a quem a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros. Esquecera-o talvez. Mas não esquecera aquele mesmo olhar firme e direto

com que desde sempre olhara os outros filhos, fazendo-se sempre desviar os olhos. (LISPECTOR, 2016, p. 190).

A memória é uma reserva de ações e emoções passadas que se refletem ao presente, e com a passagem do tempo, molda-se características de nossa existência. Um dos pensamentos reservados ao idoso por já ter vivido boa parte de seus anos e, assim dizer, ter suas experiências, habilita-o a ser conselheiro dos mais jovens nas possíveis questões pessoais, ao mesmo tempo em que se trata de uma figura isolada dos demais grupos sociais, por já ter exercido suas funções.

Nesta sociedade que prioriza os lucros, ou seja, desenvolvimento e produção, a pessoa idosa não se adequa aos “padrões” estipulados, o que gera exclusão, pois não carrega a mesma disposição anterior, e ao não obter resultados esperados, não fornece benefícios. “A função social do velho é lembrar e aconselhar [...] unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir.” (BOSI, 1979, p. 18). Diante desses aspectos de não pertencimento, ele é o precursor das lembranças, por ter vivenciado e construído sua história. Enquanto isso, os mais novos se acomodam e param para ouvir os relatos arquivados nas lembranças das pessoas idosas.

Contudo, é possível identificar os aspectos pessoais, um pouco da história de vida das personagens dos contos, por meio de suas memórias, também ao constatar que ambas despertam para a realidade e iniciam seus questionamentos sobre o que enfrentam em sua velhice. Ao trazer relação do passado para o presente, assim compreendem as situações atuais em que estão situadas, não omitindo as marcas do passado carregadas. A construção destas memórias forma a identidade das personagens, de onde vieram, e o que se reflete do passado para o presente.

### 3 O EXISTIR INDIFERENTE

Os indivíduos sentem necessidade de interações, não importa em qual grupo estejam inseridos, nos diferentes espaços sociais. O fator a se considerar é a importância que se dá viver em sociedade, e como estar inserido em algum destes grupos se torna fundamental para a sensação de existência e ter algo a oferecer. A pessoa idosa normalmente acaba sendo excluída socialmente, por conta de suas limitações, e esse isolamento manifesta-se a passos lentos de quem não se sente mais encaixado.

No início do conto *O Grande Passeio*, é possível perceber que Mocinha perdeu toda sua família aos poucos, ainda que não compreendesse que estava só no mundo. A questão do luto está na vida da personagem, nos seus traços, em seu olhar sujo e expectante, no seu vestido preto e opaco, em seu próprio semblante.

Quem é mais jovem talvez não se identifique com a pessoa idosa, já que suas conversas ou as funções que exercem podem ser diferentes, considerando os distintos estados físicos e mentais. A tentativa de fugir da velhice é um desejo da imortalidade idealizadora, corresponde ao receio em envelhecer, pelo fator das limitações que podem surgir da aparência que modifica, do depender de outras pessoas, do corpo se tornar menos ágil. Por essa razão, deparar-se com uma pessoa idosa, é como enxergar o futuro, com garantia de que essa imortalidade é irreal, pois a velhice e morte são consequências do existir.

Norbert Elias (2001) nos faz pensar que a partida começa muito antes, de forma gradual: envelhecimento, doença. A fragilidade das pessoas velhas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola. Podem tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros. Isso é o mais difícil – o isolamento tácito dos velhos e dos moribundos da comunidade dos vivos, o gradual esfriamento de suas relações com pessoas a que eram afeiçoados, a separação em relação aos demais indivíduos, tudo que lhes dava sentido e segurança.

A pessoa idosa começa acreditar que não tem mais o que contribuir para a sociedade, mesmo após ter servido em suas funções durante longos anos. O

fato do sentimento de não pertencer eleva o estado de angústia, visto que nossa existência se baseia em partes pela convivência com outras pessoas, pelas aproximações e os deveres, visando que a velhice traz estas limitações, e antes mesmo de chegar nela, já se tem consciência dos empecilhos que pode ocasionar, as habilidades que podem ser parcialmente anuladas.

No conto *Feliz Aniversário*, a morte é tratada com uma certa consciência, do que pode acontecer a qualquer momento, por D. Anita já estar na faixa dos seus 89 anos, e pelas suas dadas condições. A família questiona no final do conto se aquele não poderia ser o último encontro, referindo-se à morte como um mistério. O conto deixa subentendido, apenas orienta a ideia correspondente à morte da personagem.

Todavia, no conto *O Grande Passeio*, a morte é um fato ocorrido. Mocinha vivia de favores por não ter quem a acolhesse com um lar, apenas abrigo momentâneo e por caridade, ela “[...] achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro.” (LISPECTOR, 2016, p. 316). Na exposta condição vulnerável da personagem em estado de solidão, o cenário de sua morte é na rua, como se a própria existência tivesse se tornado um passeio que chegou ao fim.

É apresentado o sentimento de solidão entre as duas protagonistas, embora sejam sentidos de forma diferente. Mocinha perdeu toda sua família, não tem ninguém por ela, passando de casa em casa. D. Anita vive um momento de luto ocasionado pela morte de um dos seus filhos, mesmo com o restante de sua família marcando presença em seu aniversário, é como se estivesse isolada, até porque o único momento em que seus filhos visitam para se reunir é nesta data em cada passagem de ano.

A família de sangue de D. Anita e a família que abrigava Mocinha mantinham uma vida apressada, visto quando os filhos de D. Anita se atrasam para chegar na festa, assim como os que abrigavam Mocinha também demonstram estar sempre muito ocupados. Já a personagem vivia a passear, porém quando retornava, sua presença causava um mal-estar irritado em uma das moças da casa, “a velha enervava-a sem motivo.” (LISPECTOR, 2016, p. 317). Ainda que não causasse problemas, apenas estar no mesmo ambiente trazia desconforto.

A única filha mulher da personagem D. Anita, entre os seis irmãos homens, era Zilda, e diante disso, estava decidido que seria a única com espaço

e tempo para “alojar” a protagonista (LISPECTOR, 2016, p. 179-180). Neste caso, o verbo “alojar” dá uma ideia de não ser bem recebida, como se tratasse também de algo momentâneo, não um lar fixo. Assim como Mocinha, personagem do conto *O Grande Passeio*, que também estava sendo alojada, devido ao fato de que [...] “mandavam-na à toa de um lado para outro [...]” (LISPECTOR, 2016, p. 322.), para ambas onde estavam não era considerado um lar acolhedor.

O fato de nos contos a presença das personagens causar incômodo é identificado quando a família fica impaciente e decide mandar Mocinha morar em Petrópolis, na casa da cunhada alemã e houve uma adesão mais animada do que uma velha poderia provocar. O verbo “mandar” dá a impressão da personagem não ser bem-vinda, como se quisessem se desfazer das responsabilidades, opondo-se a disponibilizar tempo e cuidado.

É possível perceber os laços fragilizados em relação à família, já que “eles não visitavam mais o irmão de Petrópolis, e muito menos a cunhada.” (LISPECTOR, 2016, p. 321). O fato também é percebido no conto *Feliz Aniversário*, onde um dos filhos de D. Anita não compareceu à festa de sua mãe, pois não queria ver seus irmãos. “Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados.” (LISPECTOR, 2016, p. 179). Neste caso, o que ainda mantinha o elo era D. Anita, pois o único momento em que estavam juntos era na comemoração de seu aniversário.

As sensações dos personagens mais novos em relação às idosas são de despreço. Para eles torna-se uma espécie de sacrifício disponibilizar espaço para as idosas, por estarem com suas vidas feitas e também pela falta de tempo, acabam não conseguindo lidar com quem de fato carece de atenção nessa fase da vida.

No conto *Feliz Aniversário*, na hora de cortar o bolo, a morte surge como metáfora, quando conclui “[...] como se a primeira pá da terra tivesse sido lançada, todos se aproximavam de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha” (LISPECTOR, 2016, p. 184). Essa situação proporciona a ideia de que todos estavam com animação, festejando, porém sem saber que aquele poderia ser o último aniversário da protagonista, como compactuassem com a morte desta, referindo-se que cada um foi para a sua pazinha enterrar D. Anita.

Assim como em *O Grande Passeio*, quando na viagem até Petrópolis, o narrador cita que no caminho “passaram por um cemitério, passaram por um armazém, árvore, duas mulheres, um soldado, gato! Letras - tudo engolido pela velocidade.” (LISPECTOR, 2016, p. 320). Mocinha acreditava em uma mudança de vida, porém nessa viagem estava tudo sendo engolido pela velocidade, ao passar tudo mais rápido diante dela. Essa rapidez pode dar ideia de que os personagens mais jovens no conto vivem com pressa, e por isso não obtém tempo de perceber os detalhes. Já a idosa que tanto apreciava passeios, nesta faixa etária em que encontrava-se, enxerga tudo com mais calma.

Um das noras de D. Anita, ao final do conto, olha para a velha espantada. “ O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: É preciso que saiba. É preciso que saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta”. (LISPERCTOR, 2016, p. 189). Cabe ressaltar, que o fato de tudo estar passando mais rápido e ser engolido pela velocidade no carro, pode ser relacionado com a fala de D. Anita ao repetir que a vida é curta.

A proximidade com as pessoas idosas traria o medo relacionado à morte, e conseqüentemente o medo da morte acarreta a ideia construída no decorrer dos anos, em relação à punição. A morte do outro torna-se uma lembrança de nossa própria morte. Então a ideia de se agarrar a uma imortalidade irreal, buscando a todo custo apagar ou ausentar questões que lembrem o contrário, pode ser associado ao fato da negação ao envelhecer, ou o distanciamento para com as pessoas idosas.

Nos aspectos gerais da existência, a morte é uma certeza, por estarmos vivos. Sendo assim, uma das buscas dos seres humanos é pela imortalidade, por essa questão, quando se está diante de uma pessoa moribunda, cogita-se lembrar de que a morte é uma sentença, o mesmo acontece ao olhar para um idoso, sabe-se que viveu boa parte de sua vida, e mais próximo está do seu final.

Norbert Elias (2001) afirma que a morte é um dos grandes perigos biossociais na vida humana. Como outros aspectos animais, ela, tanto como processo quanto como imagem mnemônica, é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social durante o impulso civilizador. Para os próprios moribundos, isso significa que eles também são levados para os bastidores e isolados. Levando em consideração essa condição física fragilizada por

decorrência dos anos, o idoso sente-se excluído da sociedade, já que não se caracteriza mais em uma identificação social.

Galeno (*apud* Beauvoir, 2018, p. 299-300) situa a velhice a meio caminho entre a doença e a saúde. A velhice, parece ser vivida, no plano da saúde, com uma mistura de indiferença e mal-estar. Ao pensar nos dias atuais, em noção do envelhecimento, de acordo com o Jornal Diário do Nordeste (2021) a OMS (Organização Mundial da Saúde) pretende considerar a velhice não mais como uma “senilidade”, mas classificar a fase da vida como patologia, essa mudança está prevista para janeiro de 2022, no entanto não é bem recebida pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), são elevados fatores contra essa mudança na definição.

Embora traga debilitações ao corpo, não significa dizer que a idade avançada é um estado de doença, afinal, se a velhice for considerada assim, serão todos então enfermos a partir de determinado momento da vida. Além disso, esse fato pode colaborar para o aumento do preconceito quanto as pessoas idosas.

Nos dois contos presenciemos o luto. Mocinha é a única que sobrevivente de sua família. “ Tivera pai, mãe, marido, dois filhos. Todos aos poucos tinham morrido, só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um tênuê veludo branco”. (LISPECTOR, 2016, p. 317). O que no sentido figurado proporciona o pensamento de ainda existir uma leve esperança em seus olhos sujos. No caso de D. Anita, houve a perda de um de seus filhos, mas ainda que toda a família estivesse presente em seu aniversário, o sentimento de solidão se mantinha, e seu semblante não demonstrava nenhuma expressão.

No início do conto *O Grande Passeio* as perdas que a personagem tem são descritas com obscuridade, bem como suas vestimentas, seus olhos, por exemplo, seu velho vestido preto que representava esse luto. Mas chegando perto de sua morte, começa a observar a estrada branca de sol que se estendia sobre um abismo verde, o céu alto sem nenhuma nuvem, passarinho que voava do abismo para a estrada. Ela ali morreu sozinha (LISPECTOR, 2016), só como estava no mundo. Dessa maneira, as situações vivenciadas pela personagem ganham cor, tornando-se oposto do que estava explícito no início. Descritas de uma maneira mais sensível a algo que sucederá, neste caso, a morte de Mocinha.

As perdas e o luto enfrentado pela personagem, que no decorrer do conto eram expostos diante das experiências com significações obscuras. Ao final do conto, quando é falado sobre a morte de Mocinha, o fato é descrito com grande sensibilidade. A mesma melancolia é presenciada no conto *Feliz Aniversário*, na suposta ideia que pode ser a última vez que a família de D. Anita se reúne para comemorar o aniversário da personagem.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer a análise de dois contos de Clarice, *O Grande Passeio e Feliz Aniversário*, através de aspectos propostos a partir da metodologia de análise estrutural da narrativa, foi possível identificar semelhanças. Observa-se duas protagonistas que possuem algumas características que se igualam em suas vivências e sentimentos sobre a velhice, como as perdas, a falta de reações ou expressões, também os momentos em que suas ações são perceptíveis, e a forma como elas são observadas pelos personagens secundários.

A literatura apresenta um aspecto em destaque ao apresentar e desenvolver assuntos de uma forma mais flexível e sensível, com uma linguagem variada que pode ser remanejada para alcançar diferentes leitores de uma mesma maneira e com significativas interpretações. Além de conseguir provocar discussões e reflexões importantes, como também a identificação com o social, as questões que os seres humanos presenciam e sentem em sua existência.

São consideradas as situações, pontos de vista, pensamentos e sentimentos encontrados na narrativa representados através das protagonistas, o que proporciona uma aproximação entre o leitor e a história, essa identificação funciona para criar identidade: nos tornamos quem somos, nos familiarizando com as figuras sobre as quais lemos. Então, a literatura tem esse papel referente ao fato de que podemos comparar nossas próprias experiências com a narrativa que estamos lendo e isso serve como uma descoberta para aprendizagem.

Assim, falar sobre a velhice gera um debate importante, afinal ela é uma fase da vida. As pessoas idosas podem ser alvos de certos preconceitos, e o motivo que corresponde a estes preconceitos é a não identificação com os grupos sociais, que conseqüentemente pode acarretar o sentimento de exclusão. O envelhecimento que ocorre de forma parcial, assusta, já que a ideia de envelhecer traz consigo um corpo que se torna mais limitado fisicamente, perante às suas funções, com uma aparência modificada, em comparação aos padrões impostos pela sociedade.

De uma maneira geral, diante da análise feita, é possível comparar o sentimento das personagens, bem como, as histórias de vida presente em suas

memórias, laços familiares fragilizados, e qual são as reações dos personagens mais novos em relação às idosas. Também levando em consideração uma prostração melancólica, o luto presenciado pelas duas, relacionando os dois contos com situações e vivências desta faixa etária, o ar metafórico em *fictícias* histórias que se assemelham à vida real.

O conto *Feliz Aniversário* foi publicado no livro **Laços de Família** há 61 anos atrás, e *O Grande Passeio* no livro **Felicidade Clandestina** há 50 anos atrás, foram lançados com 11 anos de diferença, ou seja, são obras publicadas no século passado, mas que geram debate para assuntos ainda predominantes. As narrativas exploram como a velhice é vivenciada com o olhar voltado para a época de publicação, no entanto, tratam sobre o assunto de uma maneira atual, pois o jeito de enxergar essa fase da vida não modificou-se com o passar dos anos.

Embora as histórias sejam de uma coletânea lançada há anos atrás, é possível associar com circunstâncias presentes nesta geração, por exemplo, a forma como os idosos são deixados de lado, e não recebem a devida importância que merecem. Muitas vezes tratados com indiferença, isolados, ou mesmo rejeitados, percebem suas contribuições sociais serem esquecidas, a ponto de parecerem descartáveis mediante aos próprios familiares.

Com a conclusão deste trabalho, foi possível adquirir aprendizado referente às narrativas de Clarice Lispector, para além da superfície, através dos segmentos que constitui uma totalidade. Pudemos olhar para o texto de uma maneira diferente, percebendo elementos de sua estrutura e composição, para chegar aos resultados desta interpretação. Também é notório que desde as datas de publicação dos contos, até hoje, a velhice continua sendo sentida sem significativas mudanças.

## 5 REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Análise estrutural da narrativa. In: BARTHES et. al. **Introdução a análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 5 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A Queiroz, editor, LTDA, 1979.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução Sandra Vasconcelos. – São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos seguido de Envelhecer e Morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

TODOROV, Tzvetan. Análise estrutural da narrativa: **As categorias da narrativa literária**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 5 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2008

VIANA, Theyse. Por que “velhice” será tratada como doença pela OMS e o que dizem os especialistas sobre o assunto. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 24 out. 2021. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/por-que-velhice-sera-tratada-como-doenca-pela-oms-e-o-que-dizem-os-especialistas-sobre-o-assunto-1.3151166>>. Acesso em: 19/11/2021.